

Fondamenta degli incurabili: (sobre o grande tempo) / Fondamenta degli incurabili: (On Great Time) / Fondamenta degli incurabili: (sobre el gran tiempo)

*Tatiana Bubnova**

RESUMO

Este artigo busca compreender e aprofundar a noção de grande tempo, um conceito antropológico relacional, como grande parte dos conceitos bakhtinianos. Segundo a obra de M. Bakhtin, aquilo que garante a nossa precária imortalidade é o caráter semiótico da memória, capaz de registrar marcas da alteridade, tanto virtuais como materiais, por meio de signos convencionais. Nesse sentido, a alma é também linguagem. Reunindo “estranhas coincidências”, o texto coloca em diálogo autores de diferentes cronotopos, de Francisco Delicado a Cervantes, Sterne, Pushkin e Joseph Brodsky, destacando como, ao produzir esse encontro, o olhar do pesquisador pode conduzir a investigação científica no grande tempo bakhtiniano.

PALAVRAS-CHAVE: Grande tempo; Memória; Francisco Delicado; *Fondamenta degli incurabili*

ABSTRACT

This article aims to understand and to carefully study the notion of great time, which is a relational anthropological concept, just as most of Bakhtin's concepts. According to M. Bakhtin's oeuvre, our precarious immortality is assured by the semiotic nature of memory, which can register virtual or material marks of otherness through conventional signs. In this sense, the soul is also language. By collecting “odd coincidences,” the article places in dialogue authors from different chronotopes, such as Francisco Delicado, Cervantes, Sterne, Pushkin, and Joseph Brodsky, and highlights that, as this dialogue is established, the researcher's perspective allows the scientific investigation to enter Bakhtin's great time.

KEYWORDS: *Great Time; Memory; Francisco Delicado; Fondamenta degli incurabili*

RESUMEN

Este artículo busca comprender y profundizar la noción de gran tiempo, un concepto antropológico relacional, como gran parte de los conceptos bakhtinianos. Según la obra de M. Bakhtin, lo que garantiza nuestra precaria inmortalidad es el carácter semiótico de la memoria, capaz de registrar marcas de la alteridad, tanto virtuales como materiales, por medio de signos convencionales. De esa manera, el alma es también lenguaje. Reuniendo “extrañas coincidencias”, el texto coloca en diálogo autores de diferentes cronotopos, desde Francisco Delicado, hasta Cervantes, Sterne, Pushkin y Joseph Brodsky, destacando como, cuando se produce ese encuentro, la mirada del estudioso puede conducir a la investigación científica en el gran tiempo bakhtiniano.

PALABRAS-CLAVE: *Gran tiempo; Memoria; Francisco Delicado; Fondamenta degli incurabili*

* Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM, Cidade do México, DF, México; bubnova@unam.mx

“Existem estranhas coincidências, Sancho, entre os pequenos eventos deste mundo, assim como entre os grandes, [...]” (L. Sterne, Letter to Ignatius Sancho, July 27, 1766).¹ Quando o autor de *La vida y opiniones de Tristram Shandy, Hidalgo* [*A vida e opiniões de Tristram Shandy, Hidalgo*], e da *Viaje sentimental por Francia e Italia* [*Viagem Sentimental por França e Itália*] escrevia esta frase, parece haver tido a sombra de Cervantes ao seu lado. Byron, em 1816, e Pushkin, em 1831, haviam se detido nessa passagem, para corroborar sua inexplicável certeza. Pushkin leu a correspondência de Sterne na tradução francesa e colocou a citação em suas notas da seguinte forma: “Existem estranhas aproximações...”, omitindo o desnecessário, neste caso, Sancho, nome autêntico do correspondente que, devido a esse detalhe, teria sugerido a Sterne a sentenciosa cadência da frase. A mesma que assumiu, em russo, um tom proverbial entre as pessoas que costumam ler clássicos, atribuindo-a, assim, a Pushkin. Apresento-a aqui a partir do emaranhado dos tempos e línguas e chego assim a uma encruzilhada comparatista, gesto que neste caso concreto não possui outro objetivo a não ser o de demonstrar o caráter aleatório e ao mesmo tempo inevitável de comparar. As veredas se cruzam dentro da dimensão que Bakhtin chamou de “grande tempo”, ao conduzir a um encontro que somente é possível graças à intervenção de um sujeito capaz de ler muito além dos cronotopos e transformações linguísticas e culturais.

De que forma este encontro pode ser possível e “legível”?

A ideia bakhtiniana do “grande tempo”, que reunia a fusão do profano e do sagrado, do corpo, alma e espírito entendidos como conceitos da antropologia filosófica, se entrecruzam aqui cancelando as contraposições tradicionais entre materialismo e idealismo, racionalismo e imaginação criativa, por meio da tomada de consciência de que tudo passa por signos materiais para poder expressar-se.

Corpo, alma e espírito são interpretados por Bakhtin como categorias de antropologia filosófica que se integram ao pensamento literário. A imortalidade e a transcendência encontram-se perigosamente próximas de todo esse vocabulário do qual cada materialista que se respeita tenta se desligar. Como se recordará, J. Kristeva, em 1970, já havia advertido

¹ “There is a strange coincidence, Sancho, in the little events, as well in the great ones, of this world [...]” STERNE, L. Letter LXXXV. From Mr. Sterne, to Ignatius Sancho. In: *Complete Works of Laurence Sterne*. Hastings, UK: Delphi Classics, 2013. (Ebook).

sobre a obra: “hesitando entre uma linguagem humanística ou secretamente cristã e uma terminologia técnica; deslizando entre um historiador cuidadoso da documentação da literatura e uma intuição penetrante na leitura de textos [...] etc. (p.23)”².

Bakhtin constrói um sistema de categorias para descrever as condições de possibilidade deste diálogo no “grande tempo”, em que poderiam participar Sterne, Byron, Pushkin e até Cervantes.

Omitindo as incontáveis referências literárias à “alma” e ao “espírito”, deter-me-ei momentaneamente em uma passagem da poetisa russa do século XX, Marina Tsvetáieva que, desde seu exílio francês, está na tentativa, poeticamente falando, de um encontro com o poeta Pasternak, radicado em Moscou, “na pousada *Encuentro de almas [Encontro de alma]*” («Гостиница *Свиданье душ*». Vide *Попытка комнаты*, 1926). Que tipo de misticismo é este?

A alma é a categoria da vida interior que se gera e adquire seu valor a partir da vida interior de outra pessoa: é outro conceito antropológico relacional, como a grande parte dos conceitos bakhtinianos³. A alma é um conceito concreto, determinado pelas formas individuais da existência, e remete a algum corpo real ou ilusório, a uma união dos corpos. Quanto ao que se refere à imortalidade da alma, dela só se pode falar no sentido de que uma vez abandonado um corpo concreto, continua existindo dentro das pessoas como a experiência do passado, como a concretização do que fora vivenciado alguma vez por alguém, e está delimitada pela mortalidade dos que dela se lembram. Aquilo que garante a nossa precária imortalidade é o caráter semiótico da memória, capaz de registrar marcas da alteridade, tanto virtuais como materiais, daquelas pessoas que existiram antes. A transmissão do conhecimento não codificado geneticamente é a única garantia de nossa existência como espécie, dizem os cientistas. Para isso, valemo-nos de signos convencionais. Por assim dizer: a alma é, também, linguagem.

² Original: “hésitant entre un langage humaniste, voire sourdement chrétien, et une terminologie technique; se glissant entre une documentation soignée d’historien de la littérature et une intuition perçante dans la lecture des textes”.

³ Remeto à sua “arquitetônica da vida cotidiana”, que se constitui num prisma eu-para-mim, eu-para-outro, outro-para-mim. De acordo com ela, todos os atos possíveis do ser humano passam por esta tríplice ótica em que se baseia a ética bakhtiniana.

Isto nos conduz à concepção da memória como condição semiótica da cultura, e da *terceiridade* como instância valorativa no diálogo ontológico. A *terceiridade* a descreverei mediante uma casuística, procedimento que às vezes resulta mais didático do que os constructos puramente mentais. Trata-se de uma “aproximação” real que teve lugar em janeiro do ano de 2014, consequência de um inesperado deslizamento realizado pela futura - para o sujeito de amarras - História como um ponto no “grande tempo”, cujo herói da pesquisa de toda a minha vida acadêmica, Francisco Delicado, dificilmente haveria aspirado a chegar tão próximo do mencionado. Mas todas essas instâncias juntas se manifestam em um cronotopo no qual o olhar e a presença do pesquisador se situam numa fronteira, em que este atua também como um “terceiro” deste imprevisto diálogo. Entre as metáforas epistemológicas de Bakhtin, o “grande tempo” é uma premissa subentendida para seu entimema sobre a existência ou, melhor, o Ser, o qual marca a simultaneidade e a concomitância do acontecimento concreto com os níveis ontológicos. Ser, como lembramos, é comunicar-se dialogicamente.

A cultura é fronteira. A cultura não possui um território interior nem uma zona cultural, porque toda ela se encontra nas fronteiras, que passam por todas as partes, atravessando cada um de seus aspectos, e cada ato cultural habita as fronteiras entre as distintas zonas da ação humana. E portanto, a simultaneidade dos diversos tempos da História só é possível dentro do âmbito da cultura. A *terceiridade* - o terceiro no diálogo, capaz de compreendê-lo e apreciá-lo desde o lado externo, como um ato ético, como ponte comunicacional, semiose -, *terceiridade* tanto axiológica quanto exotópica, é uma condição de possibilidades desta fronteira e seu lugar virtual. Este lugar é uma exotopia.

Recordo para um possível leitor deste texto que a exotopia indica a posição externa de quem presencia um diálogo entre dois sujeitos, ou a forma como estes sujeitos interagem, instância capaz de entendê-los e julgá-los desde uma postura diferente daquela dos interlocutores imediatos. As axiologias nascem numa relação concreta, no cronotopo do encontro dialógico entre um eu e seu outro, os quais convocam, talvez sem o saber, este terceiro. Este gesto bakhtiniano, pensando de forma mais clara, resulta perturbadoramente iconoclasta: a ética não é a fonte dos valores, e sim o modo de relacionar-se com os valores.

Isso porque “Terceiro no diálogo”: leitor futuro, gerações por vir, sociedade, “povo”, linguagem, Deus?... Depende das coordenadas do sistema semiótico em que se leu o diálogo.

O “grande tempo” é a manifestação semiótica da cultura graças à qual é possível a simultaneidade dos sentidos históricos, o diálogo entre eles. Para lembrar o que quer dizer ‘sentido’: os sentidos são respostas às perguntas. O que não contesta nenhuma pergunta não possui sentido, Bakhtin *dixit*. O diálogo assim concebido não é visível em seu princípio nem observável no seu final. Os textos não permanecem iguais a eles mesmos através da história, isso porque se transformam e crescem semanticamente e, ao interagir com os novos contextos e outros textos, respondem a novas questões. Trata-se de uma semiótica heterocientífica, que personaliza códigos (outra heresia bakhtiniana, desta vez com respeito às premissas do estruturalismo) e propõe a simultaneidade do “grande tempo”, cujo resultado é um crescimento produtivo dos textos na história⁴ graças aos novos contextos em que tais textos podem ser lidos, e às novas perguntas que possam se relacionar a eles.

Texto: enunciado vivo, produto de um diálogo cultural entre sujeitos, fixado no tempo por meio de recursos semióticos variados, gerados pela cultura.

Desse ponto de vista, a intuição (vide Kristeva!), concebida como instrumento de conhecimento, e a casualidade, podem conduzir a coincidências quase místicas e a relações entre ideias, sujeitos, tempos e obras em aparência irreconciliáveis. Mesmo que, de fato, a intuição possa ser pensada como a casualidade preparada pela experiência, e sua origem seja também dialógica, assim como é a cultura e, para o caso, a literatura.

Passemos à pedestre casuística.

O fato é que a arbitrariedade da sorte e a obstinação investigativa levaram-me, em janeiro de 2014, à biblioteca de um museu francês a consultar um exemplar, ainda desconhecido para os especialistas, daquele *Amadís de Gaula* em cuja edição aparece a intervenção de Francisco Delicado (ca. 1480 – ca. 1535) em 1533, em Veneza.

⁴ É importante recordar aqui “A tarefa do tradutor” (*Aufgabe des Übersetzers*, 1921) de Walter Benjamin. [BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. In: _____. *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, p.101-119].

Este estranho e até o momento insuficientemente conhecido⁵ escritor espanhol é famoso por seu *Retrato de la Lozana andaluza en lengua española muy claríssima* [*Retrato da Lozana andaluza na língua espanhola muito clara*], escrito em Roma, numa primeira versão em 1524. É uma obra dialogada que descreve, em uma linguagem híbrida e colorida, o ambiente cotidiano e a vida social das cortesãs e de seus clientes na Roma renascentista, vista desde os ângulos mais baixos da cidade e valorizada por seus próprios moradores como “Roma putana”. O único exemplar deste livro que conhecemos, porém, revela sua publicação anônima em Veneza, por volta de 1530. Seu autor, Delicado ou Delgado, autoexilado de Espanha por motivos desconhecidos, porém hipoteticamente por ser religioso, teve de refugiar-se pela segunda vez em Veneza em razão do Saque de Roma pelos exércitos imperiais de Carlos V, em 1527-28.

Veneza, naquele momento, possuía uma promissora indústria livreira de tipografias e de comércio livresco, baseada na produção intelectual autóctone e internacional e, como consequência, dispunha de uma rede de livrarias geridas por distribuidores profissionais. Era uma das mais conhecidas por toda a Europa. Seria suficiente mencionar a célebre empresa humanista de Aldo Manucio, produtora das preciosas edições “aldinas” marcadas no frontispício com o característico golfinho enrolado numa âncora. Delicado, envolvido, pelo que parece, desde Roma com a indústria de livros - agora é conhecido seu vínculo com a imprensa de Antonio Martínez de Salamanca⁶ -, de acordo com algumas hipóteses (Perugini)⁷ refugia-se precisamente em Veneza (segundo ele, para evitar os ímpetos vingativos dos “naturais” romanos) para poder publicar as suas obras. A opção era mover-se com o exército imperial em direção a Nápoles, domínio espanhol. Em Veneza, inimiga declarada do imperador, onde, segundo a própria confissão de Delicado, não encontra nem um só

⁵ Pode-se considerar sua consagração definitiva, por meio de um tratamento filológico rigoroso, a partir de uma edição recente assumida pela Real Academia Espanhola (2011), e realizada por Jacques Joset y Folke Gernert, em 2007.

⁶ Cf. GERNERT, Folke. “Antonio Martínez de Salamanca, impresor, y Francisco Delicado, corrector. Libros españoles en la imprenta italiana a través de sus ilustraciones” [Antonio Martínez de Salamanca, impressor, e Francisco Delicado, corretor. Livros espanhóis na imprensa italiana por meio de suas ilustrações], in: GÓMEZ-MONTERO, J. Y GERNERT, F. (ed.). *Nápoles – Roma 1504. Cultura y literatura española y portuguesa en Italia en el quinto centenario de la muerte de Isabel la Católica*. Salamanca: SEMYR, 2005, p.205-242.

⁷ Cf. Carla Perugini, “Nuevos datos en torno a Francisco Delicado” [Novos dados sobre Francisco Delicado], manuscrito.

compatriota espanhol, deve encontrar um refúgio. Sacerdote de profissão, pároco sem paróquia⁸, dedica-se ao labor da correção dos livros espanhóis, de grande difusão na Itália e ainda na Europa. “Prefeito e guardião dessas letras”, segundo a idiossincrática definição do seu trabalho, intervém na edição de *Cárcel de Amor*, *Questión de amor de dos enamorados*, *La Celestina* (1531) [*Cárcere do Amor*, *Questão de amor de dois apaixonados*, *A Celestina*], e de dois livros de cavalaria: nosso *Amadís* (1533) e *Primaleón* (1534). Consegue editar ele mesmo dois textos próprios, a já mencionada *Lozana y El modo de adoperare el legno de India occidentale, salutíssimo remedio a ogni male & piaga incurabile* [Modo de aplicação da madeira da Índia ocidental: remédio muitíssimo salutar para todos os males e pragas incuráveis], este último uma espécie de manual para introduzir um remédio contra a sífilis, doença recentemente (pelo que parece) importada de América. Deixa documentada sua existência e intenções nos livros por ele publicados. Intervém nos textos cavalheirescos com critério e maestria de um ofício que hoje, em nossos dias, chamaríamos de edição, alterando textos originais e criando paratextos. A partir de 1535, suas marcas se perdem. Existem duas hipóteses principais em relação a seu destino posterior. Uma aponta para o seu retorno à Espanha, seja como peregrino de Santiago, seja na paróquia periférica de *Cabezuela del Valle*, cujo vicariato, como mencionei, consegue na Itália. A outra hipótese coloca o seu fim em Veneza: foi contagiado pela sífilis ele mesmo durante vinte e três anos, de acordo com sua própria confissão, e supostamente teria sido curado com as infusões e banhos feitos com madeira de pau santo, processo que descreve em seu tratado médico. A medicina atual, porém, é cética a esse respeito: trata-se de uma doença degenerativa, cujas fases foram descritas cientificamente, e sabe-se que costuma levar a deformações corporais conhecidas – a rinoplastia, por exemplo — e inclusive levar à demência. O pau santo, além do mais, não possui propriedades antibióticas comparáveis aos remédios atuais, por isso a cura definitiva é colocada em dúvida pelos especialistas de hoje. Mas, de qualquer forma nada sabemos, concretamente, do final de sua vida.

E aqui vamos para o agente histórico seguinte. Joseph Brodsky (1940-1996), poeta russo, prêmio Nobel de literatura em 1987, deportado em 1972 de seu país, que naquele

⁸ Para sermos justos, obtive uma virtual, na Extremadura, não se sabe exatamente quando, mas *in curia*, nem tampouco se logrou desfrutar de seus benefícios. A julgar por sua situação em Veneza, não.

momento era a União Soviética, possui um texto em prosa escrito em inglês, *Watermark* (1990), chamado em italiano *Fondamenta degli Incurabili*, obra que, pelo que parece, foi encomendada pela prefeitura de Veneza. Nela descreve, em uma prosa intensa, sua vivência na cidade no inverno, experiência que repetiu durante dezesseis anos de sua vida. Existe, além do mais, uma série de poemas, em russo, referindo-se a este mesmo tema.

Depois de visitar na biblioteca do museu Dobrée em Nantes o *Amadís de Gaula* editado pelo sacerdote espanhol em 1533 em Veneza, dirigi-me a essa cidade para comprovar se era verdade a magia que Brodsky falava em sua *Fondamenta degli Incurabili*, que quer dizer *Malecón de los Incurables* [*Doca dos incuráveis*], ou, talvez, *Embarcadero de los Incurables* [*Cais dos incuráveis*]. Antecedem a este gesto uma antiga obsessão pela poesia e pelas circunstâncias da vida de Brodsky, meu conterrâneo, que abandonou a União Soviética no mesmo ano e até no mesmo mês em que eu também a abandonei. Fiz algumas tentativas de colocar em espanhol algumas poesias dele.

Este propósito, aparentemente tão gratuito e ocioso, me levou a descobrir, praticamente no mesmo instante em que pisei o chão de Veneza, embora aparentemente ao acaso, a doca chamada *Zattere agli Incurabili* e a placa memorial dedicada a Brodsky, num muro que ocupa quase todo o breve espaço desta *fondamenta*. E, como fato seguinte, percebi que o nome do cais tinha relação com um hospital para os “incuráveis”, fundado por religiosos, que se encontrava neste mesmo lugar nos séculos XVI-XVII. Por acaso, as *zattere* eram, naquela época, umas balsas ou barças que conseguiam combustível –lenha, carvão— para Veneza no século XVI. Por assim dizer, tratava-se então de uma periferia, um limite da cidade. Lugar adequado, sem sombra de dúvida, para os doentes “incuráveis”, os sífilíticos. Da arquitetura primitiva conserva-se, ao fundo de uma estreita rua, uma pequena praça que ainda tem o nome de *Corte del Morer*. Sobre os muros das casas decadentes porém reformadas aparecem, ainda, alguns altos-relevos relacionados, pelo que parece, à atividade hospitalar.

Brodsky sabia a conotação histórica dos “incuráveis”, e ainda assim acreditou que era necessário reafirmar o significado da palavra, atribuindo um sentido de ‘marginal’, ‘exilado’, ou, se for o caso, ‘doente da vida’, de “mal de viver”.

Quanto ao que se refere a Delicado, ele conta que havia passado muito tempo, antes ainda de chegar a Veneza, e antes de aplicar-se os remédios do pau santo, no hospital romano chamado Santiago de las Caretas, ou *Arciospedale degli Incurabili San Giacomo in Augusta*. O tema mórbido de um nosocômio, chamado transparentemente *taberna meritória*, como o destino final tanto das cortesãs em destaque como o das putas do “públique”, atravessa todo o *Retrato de la Lozana andaluza*.

Será que Brodsky levou-me, de alguma forma, ao local onde acabou os seus dias Francisco Delicado?

O espaço semiótico personalizado, que possui a capacidade de uma refração dos sentidos em alteridades mais diversas, com suas constantes transformações em “corpos do sentido”, evoca a memória de “almas” e, em alguma forma virtual, porém codificada pelos signos, remete a “espíritos” capazes de dialogar no “grande tempo”. Claro que este diálogo é realizado por meio da “terceiridade” de um ponto de vista estabelecido por um pesquisador.

Os meus trabalhos sobre Delicado sempre têm sido orientados por uma metodologia inspirada na obra de Bakhtin. Como figura histórica, da mesma forma que Brodsky, M. M. Bakhtin (1895-1975) tampouco é homologável com a figura do alegre sacerdote espanhol, castigado pelo destino devido a seus excessos extremamente rabelaisianos, característicos do Renascimento. Como escritor, Delicado é alguém que praticou, muito prematuramente, o dialogismo, a heteroglossia e a poliglossia, a metaficção e a livre experimentação com gêneros literários e discursivos. A figura de “autor” participa da obra junto com suas personagens, representa o próprio processo da escritura do livro e, como se isso não bastasse, este autor personagem descreve o processo de pesquisa da vida cotidiana de Lozana como se se tratasse de uma espécie de espião (outras personagens assim reclamavam dele), com um caderninho de anotações nas mãos e a orelha atenta aos monólogos solitários da empreendedora andaluza. De certa maneira, prefigura algumas qualidades de Cervantes⁹.

Gênio sarcástico mesmo que apaixonado pela vida, Brodsky tem como uma de suas marcas profissionais a combinação da orientação metafísica da poesia e de uma linguagem

⁹ Ver, p. e., BUBNOVA, T. “Cervantes y Delicado”, *NRFH*, 38 (2), 1990, 567-590, y “Don Quijote y Delicado”, en *El “Quijote” desde América*, ed. James Iffland y Gustavo Illades, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla – El Colegio de México, Puebla, 2006, p.43-56.

que supera, com muito cuidado, as restrições puritanas da tradição russa, como um legítimo herdeiro delas. Os sofisticados ritmos e a elaborada sintaxe de sua escritura abraçam um pensamento poético de um clássico atualizado. Expulsado do meio linguístico materno, seus desesperados intentos por recuperar o ouro de sua poesia em russo por meio da língua adotiva, o inglês, amada porém não materna, essas premissas constituem um contraponto aos esforços de Delicado por difundir sua “mui claríssima língua espanhola” entre os leitores italianos e não italianos, mediante textos explicativos que manifestam visivelmente seus dotes de filólogo espontâneo. A condição de exilados e marginalizados que compartilham permite, talvez, a licença da transformação de ‘incurável’ em uma qualidade quase ontológica, apesar da ambivalência do vocábulo cuja origem ítalo-hispânica e a conotação histórica não permitem solapar. Judeus “assimilados” os dois, até a integração à cultura que os recebe por direito próprio, Delicado y Brodsky. Nesse ponto a analogia cessa para sempre: “Não compares. O que vive é incomparável” (Mandelstam¹⁰).

O “grande tempo” é, antes de qualquer coisa, esta possibilidade das “estranhas coincidências”, como se o destino fosse quem conduz pela mão com algum propósito inexplicável. Há várias “coincidências”, porém não se relacionam com o tema, e não tenho espaço para evocá-las aqui. O fato é que o encontro de/com os dois ‘incuráveis’ em um cronotopo complexo coloca-me na porta de uma nova pesquisa.

Não aspiro a retratar-me vaidosamente sobre o fundo de alguma paisagem veneziana, para deixar aleatoriamente uma marca na posteridade por meio de tão indiscreto gesto. Não, não estou para o “grande tempo”. Sou uma rata de biblioteca, comum e corrente, e a única coisa que posso presumir é que os livros me amam e se abrem sozinhos, hospitaleiramente, na página exata, e se deixam divisar pedindo para serem abertos numa estante empoeirada, quando seu conteúdo se relaciona com o assunto, e se escondem quando não é necessário. Depois desta extemporânea *captatio benevolentiae*, que situo a propósito em um lugar inadequado, recordando Sterne, só me resta reafirmar o seguinte. Sou o olhar do “terceiro” nesta involuntária disputa do tempo e, isto sim, *sou* uma fronteira pela qual passam muitos

¹⁰ Osip Mandelstam, poeta russo (1891-1938).

fios e linhas, casualidades e coincidências, línguas e livros reunidos em uma memória magistral, gerada através de mim como através de qualquer um de nós.

REFERÊNCIAS

Бахтин, М. М., *Собрание сочинений*, том 1, Русские словари – Языки Славянской Культуры, Москва, 2003.

Библер, В. С., *Михаил Михайлович Бахтин или поэтика культуры*, Прогресс, Москва, 1991.

Селиванов, В. В., «Душа и духовность», в сб. *Эстетическое наследие и современность*, Издательство Мордовского Университета, Саранск, 1992, I, стр. 145-151.

HOLQUIST, M. Why is God's Name a Pun? In: BRUHN, J.; LUNDQUIST, J. (Eds.). *The Novelness of Bakhtin: Perspectives and Possibilities*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press (University of Copenhagen), 2001, pp.53-70.

KRISTEVA, J. Une poétique ruinée. In: BAKHTINE, M. *La poétique de Dostoïevsky*. Trad. Isabelle Kolitcheff. Paris: Éditions du Seuil, 1970, p.5-21.

Traduzido por Gabriel Jiménez Aguilar – g.aguilar@uol.com.br

Recebido em 29/09/2016

Aprovado em 28/10/2016